

## **TRINDADE: Uma Análise da Ortodoxia Trinitária e da Ameaça Unicista à Sã Doutrina**

Erick Bianchi Machado Valentim

Juan de Paula Santos Siqueira

**Resumo:** O presente trabalho aborda a doutrina ortodoxa da Trindade e o unicismo. Historicamente, esta doutrina sofre diversos ataques e tentativas de negar aquilo que a Bíblia Sagrada revela. Neste trabalho, o assunto é introduzido com destaque para a relevância do estudo da Trindade e do método utilizado. Após isso, são apresentados fatores históricos. A seguir, o unicismo é apresentado como um problema atual, com um breve histórico, seguido de suas premissas e bases teológicas. Em seguida, a doutrina ortodoxa da Trindade é apresentada através da análise da teologia sistemática. Por fim, verificou-se que o unicismo não manifesta a correta interpretação bíblica e incorre em grave erro. Evidenciou-se que as Sagradas Escrituras revelam as pessoas de Deus Pai, Jesus Cristo, e o Espírito Santo. Os três coexistem consubstancialmente desde a eternidade. Os três são o único Deus.

**Palavras-chave:** Deus. Doutrina. Trindade. Unicismo.

**Abstract:** This present paper approaches the orthodox doctrine of the Trinity and unicism. Historically, this doctrine has suffered several attacks and attempts to deny what the Holy Bible reveals. This study explores the significance of the Trinity concept and the applied research methodology in the context of the present paper. Furthermore, historical factors are presented. Following, unicism is presented as a current problem, with a brief history, followed by its theological premises and bases. In addition, the orthodox doctrine of the Trinity is presented through the analysis of systematic theology. All things considered, it was found that unicism does not demonstrate the correct biblical interpretation and incurs a serious error. The results showed evidence that the Holy Scriptures reveal the persons of God the Father, Jesus Christ, and the Holy Spirit. The three have coexisted consubstantially since eternity. The three are the only God.

**Key-words:** God. Doctrine. Trinity. Unicism.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho trata sobre a doutrina da Trindade. Sabe-se que esta doutrina tem sido alvo de amplas discussões no decorrer da história eclesiástica. Dentre as teorias que se destacaram, serão abordados fatores históricos, o unicismo e seus aspectos. Em seguida, serão explanados os conceitos amplos de Trindade presentes na Bíblia Sagrada.

A relevância deste trabalho está no fato de que a doutrina a ser analisada é de fundamental importância e primária no ambiente cristão. Trata-se de uma doutrina que, se mal interpretada, pode acarretar no não entendimento da pessoa de Jesus Cristo, que é basilar para a fé cristã correta e saudável.

O problema central a ser observado é a inadequada ideia da Trindade na definição unicista, em que se nega a coexistência das três pessoas da Trindade. Nela, busca-se explicar que, de alguma maneira, somente uma pessoa se manifesta. Assim, o objetivo a ser alcançado está na análise desta doutrina na busca da correta interpretação bíblica.

O método a ser utilizado é o de análise bibliográfica. Entende-se que ele será adequado, pois assim serão encontradas as definições necessárias para uma boa construção. Além das definições, também serão observadas análises em artigos e livros de teologia sistemática a fim de buscar base bíblica para a finalidade do trabalho.

Para que essa análise seja clara e concisa, o desenvolvimento textual se dará em três partes principais, seguidas das considerações finais. Na primeira parte, serão observados fatores históricos. Na segunda parte, será observado o unicismo. Serão apresentados os fatores históricos, conceitos e interpretações. Na terceira parte, será apresentada a doutrina da Trindade em uma breve análise bíblica sistemática. Será apresentada a realidade de Deus Pai, Filho, Espírito Santo e sua unidade.

Academicamente, este trabalho se propõe a colaborar, principalmente, no âmbito da teologia sistemática. Ainda que, em conjunto com esta teologia, sejam utilizados conceitos da exegese e da história eclesiástica. A discussão sobre a Trindade é ampla e a sua doutrina sofre ataques frequentes, sendo necessária a sua análise.

## 2 FATORES HISTÓRICOS

A igreja de Cristo, desde seus primórdios, tem considerado como uma realidade a existência de Deus Pai, Jesus Cristo o Filho e Espírito Santo. Diante disso, se iniciaram as tentativas de defini-la. Parte-se do princípio de que Deus é um e três pessoas que coexistem. O desenvolvimento da ideia trinitária acontece a partir do Novo Testamento, pois é nele que acontece a obra redentora de Jesus Cristo e o derramamento do Espírito Santo, com o próprio Cristo demonstrando essa realidade em suas palavras. Conforme salienta Gregg R. Alisson:

A doutrina da Trindade foi formulada nos primórdios da existência da igreja em resposta a uma acentuada tensão entre a crença no monoteísmo (há um só Deus), por um lado, e, por outro, a doutrina do Novo Testamento de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e também plenamente Deus ele próprio, como afirmava a igreja. A outra parte da doutrina da Trindade — o reconhecimento da divindade do Espírito Santo — veio um pouco depois.<sup>1</sup>

O pensamento trinitário também se mostra exclusivo do cristianismo. Gradativamente, essa ideia foi introduzida à vida cristã, de forma que os atos comuns dos fiéis se baseavam na autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.<sup>2</sup> Assim, surgem também as explicações do conceito trinitário. Percebeu-se que as três pessoas se relacionam e exercem diferentes papéis. Conforme diz Gregg R. Alisson, “Esses raciocínios teológicos complexos estavam se tornando necessários na igreja”.<sup>3</sup>

Nesse contexto surgem, então, teorias que se apegam fortemente à unidade de Deus, o que terminou na negação das três pessoas da Trindade e dividiu-se em duas vertentes, que ficaram conhecidas como monarquianismo dinâmico e monarquianismo modalista, ou modalismo. Por outro lado, têm-se as teorias inclinadas exageradamente às três pessoas, o que gerou, para muitos, o pensamento de três deuses distintos. Esta é conhecida como triteísmo.

A igreja primitiva se empenhou em negar aquilo que distorcia a sua doutrina. Irineu (130-200) foi fundamental para esse início, como diz Robert Letham, “Irineu toma alguns passos hesitantes ao examinar as relações do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>ALISSON, Gregg R. **Teologia Histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 276.

<sup>2</sup>*Ibid.*, p. 278.

<sup>3</sup>*Ibid.*, p. 280.

<sup>4</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade: na escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 126

Um dos expoentes nessa tarefa foi Tertuliano (160-220). Empenhou-se em apresentar a correta interpretação trinitária e foi grande a sua influência.<sup>5</sup> Orígenes (185-254) deixou também sua grande contribuição. Desenvolveu o conceito de “Trindade ontológica”, que trata a respeito da eterna existência relacional das pessoas da Trindade. Defendeu também que a natureza das três pessoas é a mesma.<sup>6</sup>

O Credo Niceno, de 325, atestou o desenvolvimento do pensamento trinitário diante de ataques sofridos. Franklin Ferreira colabora, ao escrever:

Uma primeira heresia sobre a Trindade que a igreja enfrentou - muito popular nos dias atuais - foi o ensino de Sabélio de Pentápolis (m.215), também conhecida por patripassianismo (monarquianismo modal). Ele propagou a noção de que só existiria uma pessoa divina, Deus o Pai, que se manifestaria nas três formas, Pai, Filho e Espírito Santo. Deus seria uma pessoa que se transformou no transcorrer da história, o que exclui a possibilidade de ele existir eternamente como três pessoas.<sup>7</sup>

Assim, as diferentes interpretações também deram espaço para o problema do arianismo. Franklin Ferreira explica, ao escrever:

Tais debates preparam o terreno para a controvérsia ariana, a qual foi o principal perigo que a igreja enfrentou, inclusive por causa dos desdobramentos políticos. Com esta heresia, Ário (256-336), presbítero na igreja de Alexandria, ensinava que Cristo era apenas uma criatura, e não o eterno Filho de Deus. Os debates eram consideravelmente mais complicados, pois, algumas vezes, os partidários desse homem usavam a linguagem ortodoxa, reinterpretando-a, ainda que não acreditassem na divindade de Cristo.<sup>8</sup>

Nesse contexto, durante o quarto século, foi quando Atanásio desempenhou um papel fundamental para a igreja. Ele defendeu a geração eterna do Filho, que não foi criado. Ele escreveu em sua obra “A encarnação do Verbo”:

Por esta razão, o Verbo de Deus incorpóreo, incorruptível, imaterial veio a nossa terra, embora dela não estivesse longe anteriormente (cf. At 17,27). De fato, ele não abandonou parte alguma da criação, mas tudo enche, permanecendo, contudo, unido ao Pai (cf. Ef 4,6-10).<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade: na escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 127.

<sup>6</sup>*Ibid.*, p. 133.

<sup>7</sup>FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 67.

<sup>8</sup>*Ibid.*

<sup>9</sup>ATANÁSIO, Santo. **Patrística: Contra os pagãos, A encarnação do Verbo, Apologia ao imperador Constâncio, Apologia de sua fuga, Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 134.

Com o mesmo pensamento a respeito do Espírito Santo, buscou mostrar que a tríade é uma unidade de mesma natureza e atributos, ainda que em diferentes funções. O Concílio de Constantinopla tornou ainda mais robusta a realidade tríade.

Posteriormente, entre os anos 400 e 420, Agostinho de Hipona teve grande influência em seu tempo. Agostinho apresentou a doutrina de maneira ortodoxa. Deu maior ênfase à unidade de Deus e teve maior dificuldade em reconhecer as distinções entre as pessoas. Acrescentou novas ideias, como a dupla procedência do Espírito Santo, tanto do Pai quanto do Filho. Em sua obra “A Trindade”, ele escreveu:

Não são, portanto, três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Filho não é o que é o Pai. O Filho foi gerado pelo Pai, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade.<sup>10</sup>

Assim, com a colaboração do Credo de Atanásio, a tríade fica estabelecida na igreja. Chega-se, então, ao desenvolvimento desta doutrina na idade média e novas discussões surgem. Destaca-se a cláusula “filioque”. Esta palavra significa “e o filho”, e foi inserida como mudança ao Credo Niceno, em 589, no Terceiro Concílio de Toledo, no final da frase que afirma a processão do Espírito Santo. Essa adição significa que o Espírito procedia do Pai e do Filho.

No século XIII, Tomás de Aquino produz uma análise que também marca a história da igreja de forma profunda. Utilizou da filosofia e recorreu a Aristóteles para a formulação de seus pensamentos. Enfatizou o relacionamento entre as pessoas da Trindade e destacou a paternidade, filiação, espiração e processão.

A reforma protestante, que confrontou diversas doutrinas da igreja católica, não trouxe maiores oposições quanto à Trindade. Martinho Lutero ratificou a tradição, na crença de uma única natureza e três pessoas de mesma essência. João Calvino, da mesma forma, afirma com convicção esta realidade. Calvino inovou com o uso da expressão “Deus de si mesmo”, ao destacar que a divindade do Filho não deriva do Pai em relação à sua essência, mas ele próprio é Deus, sua essência é eterna e recebe do Pai a filiação.<sup>11</sup> Na sua obra “Institutas”, Calvino difere de Tomás em sua linguagem, ao não

---

<sup>10</sup>AGOSTINHO, Santo. **Patrística: A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 28.

<sup>11</sup>ALISSON, Gregg R. **Teologia Histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 294.

utilizar fortemente linguagem filosófica, mas apresentar um conteúdo objetivo e de grande fundamentação bíblica. É, por isso, considerado extremamente ortodoxo.<sup>12</sup>

No período moderno, uma nova fase se inicia para essa doutrina. A principal marca dessa fase, inicialmente, foi o distanciamento das tratativas trinitárias devido a um período marcado pela pelo materialismo e ascensão do ateísmo. Importantes nomes como o de Friedrich Schleiermacher influenciaram grandemente nesse período. Schleiermacher desprezou os dogmas cristãos abstratos e tratou a religião como um sentimento de dependência de Deus.

Esse período não foi, contudo, inteiramente dessa forma. No século XX, a colaboração de Karl Barth foi essencial na sustentação e destaque da realidade trinitária. Barth preocupou-se, principalmente, em evitar o triteísmo. Descreveu as três pessoas como distintas maneiras de ser de Deus. Pela maneira como fez essa descrição, alguns o acusaram de desenvolver um pensamento que se assemelha ao modalismo. Contudo, fica claro que ele estava ciente destes perigos e não os aceitava. Os termos que utilizou pareciam, na verdade, expressar a mesma ideia de diferentes pessoas.<sup>13</sup>

No decorrer do século XX, surge um movimento chamado “Oneness”, derivado de uma vertente pentecostal. Conectado com os conceitos do modalismo, despreza a ortodoxia tradicional da Trindade. Com a prática do rebatismo para quem já se diz Cristão, enfatizam o nome de Jesus Cristo. Esse movimento, também conhecido como unicismo,<sup>14</sup> será melhor abordado no próximo tópico.

Outros teólogos prosseguiram nas tratativas de questões difíceis, o que gerou novos debates contemporâneos. Essas discussões cada vez mais englobam maior quantidade de assuntos. O pensamento trinitário já não se limita ao seu espaço, mas afeta o entendimento de outras doutrinas. É parte inegociável da descrição de Deus.

### 3 UNICISMO

---

<sup>12</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade: na escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 303.

<sup>13</sup>*Ibid.*, p. 335.

<sup>14</sup>ALISSON, Gregg R. **Teologia Histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 301.

Esta interpretação a respeito da pessoa de Deus chamada unicismo pertence a um movimento pentecostal. No começo do século XX, um movimento chamado “Oneness” surge a partir das Assembleias de Deus nos Estados Unidos. Parte-se da contestação da doutrina trinitária e seu batismo no nome das três pessoas. Enfatiza-se uma só pessoa, Jesus Cristo. Por isso, pode-se dizer que é uma variação moderna do modalismo.

O pentecostalismo norte-americano estava em ascensão após o avivamento da Rua Azusa, quando no dia 13 de abril de 1913, na Califórnia, o evangelista Robert McAlister e um imigrante alemão chamado John Schaepe defenderam a ideia de que o batismo deveria ser apenas em nome de Jesus. Utilizaram, como base bíblica, o texto de Atos 2.38. Nesse ímpeto, passaram a ter a prática do rebatismo. A partir dessas premissas, inicia-se o movimento. Conforme colabora, em seu livro, Esequias Soares:

Schaepe fundou o movimento chamado “Só Jesus”, usando como ponta de lança o unicismo, o modalismo com roupagem nova, e o batismo em nome de Jesus. Isso provocou muitas divisões nas igrejas, que logo foram se subdividindo em outros grupos. Há muita coisa em comum entre os unicistas modernos e os antigos modalistas, mas eles não são exatamente iguais.<sup>15</sup>

O número de adeptos ao movimento crescia dentro das Assembleias de Deus e, inicialmente, eles eram aceitos, pois não havia diferenciação clara doutrinária no Concílio Geral das Assembleias de Deus que os separasse. Contudo, esse crescimento e os rebatimentos chamavam a atenção. Por isso, nos anos de 1915 e 1916, após problemas já terem surgido, as Assembleias de Deus se posicionaram oficialmente de acordo com a doutrina tradicional da Trindade, de forma que os unicistas foram rechaçados. Houve perda considerável de fiéis e líderes que eram unicistas.

Assim, nas décadas seguintes, os unicistas cresceram em número e se subdividiram em grupos, que diferiam entre si em diversas questões. No ano de 1945, foi fundada a Igreja Pentecostal Unida Internacional, que tornou-se a maior igreja unicista dos Estados Unidos. Essa comunidade chegou ao Brasil no ano de 1970, através da família Baker, que iniciou os trabalhos em na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Aqui são chamados de Igreja Pentecostal Unida do Brasil. Hoje, eles estão presentes em diversos países do mundo, com mais de 5 milhões de fiéis.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup>SOARES, Esequias. **O Pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023. p. 127.

<sup>16</sup>Igreja Pentecostal Unida. **Quem somos**. 2021. Disponível em: <https://pentecostalunida.com.br/Pagina.aspx?Cod=1>. Acesso em: 11 jan. 2023.

No Brasil, essa não é a única comunidade unicista. Existem outras, ainda que em números reduzidos quando comparados aos dos Estados Unidos. Aqui foi fundada a igreja A voz da Verdade, em 1984, relacionada à banda musical que carrega o mesmo nome. Pode-se citar também, que está no Brasil, a igreja O Tabernáculo da Fé. Fundada nos Estados Unidos por William Marrion Branham.

A respeito das discussões trinitarianas, os unicistas apresentam as suas interpretações bíblicas, distorcendo questões que são amplamente estabelecidas na igreja. No aspecto que herdou do modalismo, consideram os diversos termos pelos quais são utilizados para Deus no decorrer do texto bíblico como distintas maneiras de se referir ao mesmo Deus. Defendem que as variações ocorrem em decorrência dos diferentes papéis exercidos por Deus, a depender da época. Assim, é sempre a mesma essência em uma única pessoa. Utilizam, como uma de suas bases argumentativas, Deuteronômio 6.4, que diz: “Escute, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”.<sup>17</sup>

É defendida a tese de que o plural de Elohim não se relaciona com a existência de mais de uma pessoa, especialmente para contra-argumentar na discussão sobre Gênesis 1.26. Neste versículo, consideram a possibilidade de Deus referir-se aos seres celestiais ou a um plural para expressar sua glória. Quanto às aparições divinas, chamadas teofanias, nada mais seriam que diferentes manifestações do mesmo Deus. Chamam de politeísmo qualquer consideração que identifique diferentes pessoas. David K. Bernard, um dos grandes expoentes na defesa do unicismo, escreve em seu texto “Essenciais da Teologia Unicista”, quando trata do Antigo Testamento:

Nenhuma passagem no Antigo Testamento declara explicitamente a doutrina trinitariana; não se pode derivá-la de uma exegese de somente textos do Antigo Testamento. Se a triplicidade é uma parte essencial da natureza de Deus, Ele não revelou isto para Seu povo escolhido. Se correcto, o trinitarianismo é o único aspecto chave da natureza de Deus, totalmente desconhecida no Antigo Testamento, mas revelada no Novo Testamento. Se Deus é uma trindade, então Abraão, o pai dos fiéis de todas épocas, não compreendeu a natureza da Deidade a quem ele adorava.<sup>18</sup>

Em relação ao Novo Testamento, o mesmo documento diz:

Mudando para o Novo Testamento, os expoentes da Unicidade enfatizam a importância de exegetas à luz do contexto e cultura. Os oradores e escritores originais eram judeus estritamente monoteístas que jamais pensaram em

---

<sup>17</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 256.

<sup>18</sup>BERNARD, David K. **ESSENCIAIS DA TEOLOGIA UNICISTA**. p. 4.

introduzir uma nova e dramática revelação de pluralidade na Divindade. Nem escritores nem leitores pensavam em categorias trinitarianas, pois, tanto a doutrina, como a terminologia da trindade ainda não haviam sido formuladas. Muitas passagens do Novo Testamento confirmam o monoteísmo do Antigo Testamento. Nenhum dos testamentos usa a palavra trindade, ou associa a palavra três ou a palavra pessoas com a Divindade de maneira significativa. A única passagem que usa a palavra pessoa (hypostasis) em relação a Deus é Hebreus 1:3, onde diz que o Filho é a expressa imagem da sua pessoa [Edição Revista e Corrigida] – literalmente, esta palavra significa "substância" - não uma pessoa ou substância separada de Deus.<sup>19</sup>

Dentre os versículos utilizados em suas argumentações, está o de 1Coríntios 8.6, que diz, “para nós, porém, há um só Deus”.<sup>20</sup> Também João 10.30, “Eu e o Pai somos um”.<sup>21</sup> Ou ainda Colossenses 2.9, “Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”.<sup>22</sup> Tendo por base esses trechos, consideram Jesus Cristo a encarnação de Deus Pai, sendo ele o próprio Deus Pai. Logo, aquele que se apresentava no Antigo Testamento como Deus, agora se apresenta através de sua própria encarnação, sendo dessa forma que ele será visto pelos salvos na eternidade.

Enquanto o Filho é a encarnação, o Pai seria uma referência ao criador e Pai dos fiéis. O Espírito Santo seria uma referência à atividade de Deus em suas ações nos seres humanos, a respeito da transformação do coração do homem e sua habitação. Tudo isso descreve os papéis desempenhados por uma única pessoa. Para que isso seja possível na nova aliança, os unicistas consideram que estes atributos estão presentes na pessoa de Jesus Cristo, o Filho. Por isso, batizam somente em nome do senhor Jesus Cristo, amparados na argumentação baseada nos textos de Atos 2.38; Atos 22.16 e outros que permitem a colocação desse argumento. Quanto ao texto de Mateus 28.19, há uma série de argumentos que tentam utilizar. Dentre eles a ideia de uma possível mudança feita por copista, ou uma descrição da pessoa de Cristo. Em suma, David K. Bernard escreve:

Em contradição ao trinitarianismo, a Unicidade afirma que: (1) Deus é indivisivelmente um em número e nele não há distinção de pessoas; (2) A Divindade não é mistério; (3) Jesus é a absoluta plenitude da Divindade; Ele é ao mesmo tempo Elohim, Yahweh, Pai, Filho e Espírito Santo; (4) O Filho de Deus foi gerado segundo a carne e não existiu desde a eternidade passada — este termo apenas refere-se à encarnação de Deus em Cristo; (5) O Logos 20 (Verbo) não é uma pessoa separada, mas a mente, pensamento, plano, atividade ou expressão do Pai; (6) Jesus é o nome de Deus revelado no Novo Testamento e representa salvação, poder e autoridade de Deus; (7) O batismo nas águas deve ser administrado para invocar oralmente o nome de

---

<sup>19</sup>BERNARD, David K. **ESSENCIAIS DA TEOLOGIA UNICISTA**. p. 5.

<sup>20</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1644.

<sup>21</sup>*Ibid.*, p. 1542.

<sup>22</sup>*Ibid.*, p. 1692.

Jesus, como parte da fórmula baptismal; e (8) os crentes definitivamente só verão um ser divino nos céus: Jesus Cristo.<sup>23</sup>

Além disso, deve-se salientar que algumas heresias sobre a pessoa de Cristo, ao negar sua divindade e apontar apenas Deus Pai como plenamente Deus e eterno, também apresentam um aspecto unicista, como ocorre com o arianismo, sobre o qual Erickson escreve: “essa heresia perdura até nossos dias de diversas formas, mais notavelmente no movimento conhecido como Testemunhas de Jeová”.<sup>24</sup>

Ficam claros, portanto, quais são as premissas do movimento unicista e seus principais argumentos, cujo objetivo é, assim como no modalismo, negar a realidade da Trindade. Através da criação de uma série de premissas não bíblicas, argumentam para convencer aqueles que não são devidamente instruídos na doutrina trinitariana.

#### **4 A TRINDADE: UMA ORTODOXIA**

Até aqui, foram enfatizados, além do panorama histórico, as definições equivocadas e distorções da verdade. Assim, é de fundamental importância que seja devidamente definido aquilo que se pensa quando se fala em Trindade. Neste sentido, A. B. Langston oferece uma precisa definição:

O termo TRINDADE é usado, geralmente, para exprimir duas ideias bem distintas e até diferentes: refere-se uma propriamente à tríplice manifestação de Deus, e a outra, ao seu modo triúno de existir. Mas estas duas ideias, apesar da relação íntima que entre elas existe, são tão diferentes que podem causar confusão quando expressas por uma só palavra. Tão grande é a diferença de sentido entre elas que achamos por bem dar a cada qual uma designação própria. Vamos, portanto, na discussão de doutrina da Trindade, designar por termos diversos a ideia da tríplice manifestação de Deus e a do seu modo triúno de existir.<sup>25</sup>

Fica clara a revelação progressiva desta doutrina tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Serão observados, nos próximos tópicos, aspectos consideráveis no que se refere ao entendimento amplo do assunto.

##### **4.1 No Antigo Testamento**

---

<sup>23</sup>BERNARD, David K. BERNARD, David K. **ESSENCIAIS DA TEOLOGIA UNICISTA**. p. 19.

<sup>24</sup>ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 669.

<sup>25</sup>LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2019. p. 120.

O Antigo Testamento não é, em comparação ao Novo Testamento, a plena revelação da Trindade. Contudo, não se pode permitir o erro de considerar inexistente a Trindade nele. A realidade é que há revelação das três pessoas já no primeiro testamento, ainda que venha, posteriormente, a ser completado o entendimento na progressão que acontece no segundo testamento.

Uma das primeiras discussões está presente em Gênesis 1.26, que na sua primeira frase traz: “E Deus disse: -Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”.<sup>26</sup> Os unicistas, conforme já exposto, trazem suas suposições sobre o plural “façamos”. Porém, percebe-se que as possibilidades de uso desse plural na condição de majestade não contêm robustas evidências para esta afirmação. Ademais, a possibilidade de Deus estar em uma comunicação com anjos também não encontra bom amparo. Conforme escreveu Wayne Grudem, “o homem não foi criado à imagem e semelhança de anjos; por isso, a sugestão não é convincente”.<sup>27</sup> Fica evidente que é real e provável a possibilidade de que este plural expresse a realidade das três pessoas.

Há uma figura relevante no Antigo Testamento, o Anjo do Senhor, que é identificado em algumas passagens e suas características fazem por merecer a atenção para a doutrina aqui tratada. Em Gênesis 16.11-13, o Anjo fala com Agar. Adiante, em Gn 21.18, o mesmo Anjo diz a Agar: “Ponha-se em pé, levante o menino e segure-o pela mão, porque eu farei dele um grande povo”.<sup>28</sup> O Anjo também aparece a Abraão em Gn 22.15-17.

O Anjo que aparece a Agar é tratado como Yahweh. Ele, que também aparece a Abraão, jura por ele mesmo e faz as promessas que foram cumpridas no povo de Deus. Ele, quando aparece a Moisés e o chama na sarça ardente, é tratado como Yahweh em Êxodo 3.4. Aqui, a narrativa já havia apresentado o Anjo no meio da sarça, que agora é chamado de Deus.

Outro trecho a ser destacado é o de Josué 5.13-15, quando aparece o “príncipe do exército do Senhor”<sup>29</sup>. Este é, por Josué, adorado. Este fato é importante, pois os anjos não recebem adoração, conforme se aprende em Apocalipse 19.10.

Este Anjo possui atributos diferentes dos anjos que não recebem a designação Anjo do Senhor. Ele possui autoridade, pois fez promessas, é chamado de Deus e recebe

---

<sup>26</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 4.

<sup>27</sup>GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**: Completa e atual. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 322.

<sup>28</sup>BÍBLIA. Português. *Op. Cit.*, p. 27.

<sup>29</sup>*Ibid.*, p. 306.

adoração. Tem aparições semelhantes a de um homem, com tratamento pessoal, por isso se diferencia de outras manifestações de Deus, enquanto mantém a divindade. Isso é tratado como uma cristofania, ou seja, são aparições pré-encarnadas do próprio Filho.<sup>30</sup>

Ainda assim, não era ainda totalmente clara a atuação do Filho em distinção ao Pai, visto que Israel, em seu monoteísmo, compreendia a pessoa de Deus no extremo de sua unidade, baseados em Deuteronômio 6.4-5. Conceitos distintos não eram familiares. A figura de Deus Pai era a maneira comum como os israelitas o compreendiam, conforme está em Êxodo 4.22-23.

O Espírito de Deus também atua no Antigo Testamento, mas de maneira diferente em comparação ao Novo Testamento. No Antigo, é perceptível que não há ênfase no Espírito como pessoa distinta, mas na sua ação, ou seja, o poder de Deus atuante. Sua natureza não é esclarecida, mas sim sua atuação.<sup>31</sup> Robert Letham escreve:

O Espírito tem características pessoais: ele guia, instrui e se entristece. O Espírito, ou sopro, de Deus produz vida (Gn 1.2; Sl 33.6; 104.29,30), ele sopra sobre os ossos inertes na visão de Ezequiel para reanimá-los (Ez 37.8-10). O Espírito de Deus concede poder para várias formas de serviço no reino de Deus (Êx 31.3; 35.31-34; Nm 27.18; Jz 3.10; 1Sm 16.13), e é o protetor do povo de Deus (1Sm 19.20,23; Is 63.11,12; Ag 2.5), habitando nele (Nm 27.18; Dt 34.9; Ez 2.2;3.24; Dn 4.8,9,18; 5.11; Mq 3.8), repousando sobre o Messias e dando-lhe poder (Is 11.2,3; 42.1; 61.1). As ações mais notáveis dos patriarcas e profetas se devem todas ao Espírito de Deus, sejam elas de Gideão, Sansão, Saul ou de José, que é capaz de interpretar sonhos porque estava cheio do Espírito de Deus (Gn 41.38).<sup>32</sup>

Há também uma referência notável quanto ao Espírito. Em Isaías 63.10, quando se fala sobre o povo de Israel, diz: “Mas eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo. Por isso, ele se tornou inimigo deles e ele mesmo lutou contra eles”.<sup>33</sup> Ainda que não fosse clara, para os israelitas, a pessoa do Espírito, há um desenvolvimento evidente para o que seria desenvolvido no Novo Testamento, de forma que hoje, em uma leitura abrangente, vê-se ali o Espírito.

Os Salmos deixam a sua colaboração trinitária. Destaca-se o Salmo 110.1, “Disse o Senhor ao meu senhor: ‘Sente-se à minha direita até que eu ponha os seus inimigos por estrado dos seus pés’”.<sup>34</sup> Aqui, são usados os termos Yahweh e Adonai para Senhor

---

<sup>30</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade**: na escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 53.

<sup>31</sup>*Ibid.*, p. 59.

<sup>32</sup>*Ibid.*

<sup>33</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1080.

<sup>34</sup>*Ibid.*, p. 882.

e senhor, respectivamente. Há entre eles uma comunicação. No decorrer do Salmo, é exposta que ele será Senhor para sempre, conforme a ordem de Melquisedeque, personagem de Gênesis capítulo 14, que contém características sacerdotais. Essa passagem é utilizada pelo próprio Cristo nos evangelhos para referir-se a si mesmo.<sup>35</sup>

Ademais, pode-se ver a expectativa messiânica que havia no povo israelita. A figura do Filho do Homem, em Daniel 7.13-14. O menino que viria a nascer em Isaías 9.6-7. O governante que viria de Belém em Miqueias 5.2-5. O Antigo Testamento, de forma geral, contém prenúncios da realidade tríade, que viria a ser totalmente desenvolvida posteriormente.

## 4.2 No Novo Testamento

Quando se inicia o Novo Testamento, aquilo que antes era um apontamento, agora torna-se claro. Com a vinda do Messias, sua morte e ressurreição, a nova aliança permite uma revelação de maior maturidade sobre a pessoa de Deus. Não se deve entender, com isso, que exista relação de superioridade entre os testamentos. Apenas não se pode negar que a pessoa do Pai, do Filho e do Espírito são evidenciadas em seus atributos como nunca antes, o que permite à Igreja de Cristo um melhor entendimento.

O batismo de Cristo revelado nos evangelhos dá, no início do seu ministério, esta revelação em Mateus 3.16-17: “Depois de batizado, Jesus logo saiu da água. E eis que os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: -Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”.<sup>36</sup> Percebe-se, na passagem, a atuação das três pessoas.

### 4.2.1 O Pai

A pessoa do Pai, que foi evidente no primeiro testamento, não é ofuscada no Novo. Além do batismo de Jesus, em que a voz que veio dos céus era do Pai, há também uma gama de outras passagens que evidenciam esta verdade. 1Pedro 1.2, declara: “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai”.<sup>37</sup> Efésios 4.5-6, diz: “Há um só

---

<sup>35</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade**: na escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 55.

<sup>36</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1380.

<sup>37</sup>*Ibid.*, p. 1739.

Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”.<sup>38</sup> Ideia também presente em João 1.12-13.

Deus exerce a figura de Pai, não no sentido da concepção terrena, mas Pai espiritual para os convertidos. Estes, conforme visto no Sermão do Monte, são orientados a amar seus inimigos e serem perfeitos, para que demonstrem que são filhos do Pai que está nos céus.<sup>39</sup> Ou seja, as atitudes daqueles que se dizem filhos demonstram a sua condição interna e sua relação de filho nesta família espiritual.

Ademais, existe a relação de paternidade com Jesus Cristo, o Filho. São diversos os trechos bíblicos que demonstram isso. Jesus frequentemente se referiu ao Pai nos evangelhos, como ele faz em Mateus 11.27. Fica claro que existe a figura de Deus Pai, que se relaciona com seus filhos espirituais e seu Filho Jesus Cristo, que se submete à sua vontade.

#### 4.2.2 O Filho

O Filho, que foi anunciado desde o Antigo Testamento, tem agora o momento de sua encarnação e ministério. O Filho é eterno, assim como o Pai, conforme João 1.1-2. Este trecho mostra dois aspectos fundamentais: a pessoa eterna de Cristo e sua natureza semelhante à do Pai. Enquanto o Pai é soberano, criador e governante, o Filho veio como Messias, o salvador, conforme João 3.17-18.

A missão do Filho ao vir ao mundo foi salvar, oferecer perdão àquele que se arrepende. A salvação pela fé no unigênito de Deus tornou-se possível através de seu sacrifício substitutivo na cruz, e sua ressurreição. Ele julgará todo o mundo. Ele é chamado de Deus, é honrado e adorado como Deus. Ele é Deus, pois possui atributos de Deus e o Novo Testamento garante, conforme Filipenses 2.5-8. Sobre este aspecto de Cristo, observe o que diz A. B. Langston:

Jesus possui os atributos de Deus. Ele é a vida, conforme vemos em João 14.6; tem existência própria (Jo 5.26); é amor (Jo 3.16); é santo (Lc 1.35); é eterno (Jo 1.1); é onipresente (Mt 28.20); é onipotente (Mt 28.18). Não podemos ler estas passagens do Novo Testamento e dar-lhes o devido valor sem reconhecer que Cristo é mais do que simplesmente um homem: é Deus.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1681.

<sup>39</sup>*Ibid.*, p. 1383.

<sup>40</sup>LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2019. p. 125.

É fundamental destacar que Cristo, ao assumir a forma humana, foi plenamente homem. Mateus 4.2 diz: “E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome”.<sup>41</sup> Jesus teve todas as características físicas do ser humano e passou por todas as fases até a idade adulta. Portanto, ele é plenamente homem e plenamente Deus. É uma pessoa da Trindade, que se submeteu ao Pai, enquanto é Deus em unidade.

### 4.2.3 O Espírito Santo

O Espírito de Deus é, no Antigo Testamento, o mais distante de ser visto como uma pessoa da Trindade. Essa realidade é grandemente modificada no segundo testamento, pois assim como ocorre com o Filho, o Espírito também é evidenciado como uma pessoa. Logo no começo do Novo Testamento a ação do Espírito é destacada quando o Cristo é concebido, conforme Mateus 1.20. Nesta passagem, o Espírito realiza uma ação divina, o que já inicia o aspecto dele como pessoa trinitária que seria desenvolvida nos demais livros do Novo Testamento.

Na narrativa de Lucas há detalhes que destacam a ação do Espírito. Quando Isabel, mãe de João Batista, encontra-se com Maria, ela fica cheia do Espírito. Assim como Zacarias, posteriormente. Também há, em Lucas, a história de Simeão, sobre quem estava o Espírito e lhe deu a revelação de que veria o menino Jesus. O Espírito conduziu Jesus ao deserto para a tentação.

Em João 14.16 pode-se ver o Cristo, que se refere ao Pai e também ao Consolador, que é o Espírito. O termo, que é traduzido como consolador ou conselheiro, significa algo próximo da atuação de um advogado de defesa, que defende alguém diante de um acusador. Não há uma palavra em português que traduza com perfeição seu sentido original.<sup>42</sup> O ponto principal aqui é o tratamento dado ao Espírito por Cristo, que mostra sua existência e atuação como pessoa.

As evidências da pessoa do Espírito são desenvolvidas no decorrer da revelação de toda a nova aliança. Um episódio relevante, nesse sentido, é o dia de Pentecostes, descrito em Atos 2. Este evento marca o derramamento do Espírito sobre todas aqueles que se converteram e passou a ser a nova realidade da Igreja de Cristo inaugurada. Esta ação, assim como nas palavras de Jesus, demonstra que o Espírito não é apenas uma

---

<sup>41</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1380.

<sup>42</sup>LETHAM, Robert. **A Trindade: na escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 89.

representação da ação do Pai sobre os indivíduos, mas ele próprio é uma pessoa, no sentido de que claramente desempenha um papel.

No decorrer da história de Ananias e Safira, também há um aspecto relevante. Observe Atos 5.3-4. Neste trecho, os nomes do Espírito e de Deus aparecem como intercambiáveis, o que passa a ideia de que o Espírito é Deus. Outras diversas características atestam a atuação do Espírito. Além de ter feito parte atuante no ministério de Jesus, ele orientou Filipe em At 8.29. Conforme Efésios 4.30, sente tristeza quando alguém peca. Atua nas pessoas e as convence, conforme 1Co 12.3.

Em sua atuação, distribui os dons para a edificação da igreja, conforme 1Co 12.11: “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as a cada um, individualmente, conforme ele quer”.<sup>43</sup> Ele realiza papel de intercessor, como está em Romanos 8.26-27. Ele está presente nos trechos em que a tríade é citada, como na ordem para o batismo dada por Cristo, como em Mt 28.19. Todas essas características retratam o Espírito como pessoal, pois ele realiza ações e recebe atributos.

### 4.3 A unicidade de Deus

Apesar de todos os ataques que a tradição trinitária sofre a esse respeito, essa doutrina não existe sem a afirmação de que Deus é um só e não existe triteísmo, como muitos argumentam. A razão humana é desafiada diante de tais afirmações e a dificuldade em compreendê-la em sua plenitude. Porém, o que a Trindade é, na realidade, não está subordinado à capacidade do homem, mas se revela nas Escrituras.

Essa unidade é ensinada em diversos textos bíblicos. O já citado Dt 6.4-5 ensinava isso ao povo de Israel. Essa é uma característica que, no Antigo Testamento, Israel havia entendido. Veja o que diz Isaías 45.5-6 e 45.21-22. No Novo Testamento não é diferente e a Igreja de Cristo recebe esse ensino.

O apóstolo Paulo contribui no Novo Testamento. Observe que em Romanos 3.30 diz que “Deus é um só”.<sup>44</sup> Também em 1Co 8.4-6:

Quanto a comer alimentos sacrificados a ídolos, sabemos que o ídolo, por si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que existam alguns que são chamados de deuses, que no céu ou sobre a terra - como há muitos “deuses” e muitos “senhores” - , para nós porém, há um só

---

<sup>43</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1649.

<sup>44</sup>*Ibid.*, p. 1619.

Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas existem e por meio de quem também nós existimos.<sup>45</sup>

Em 1Tm 2.5: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade, Cristo Jesus, homem”.<sup>46</sup> Sobre estas duas últimas referências citadas, Millard Erickson diz:

Embora, à primeira vista, esses versículos pareçam distinguir Jesus do único Deus, o Pai, a ênfase primordial da referência anterior é que somente Deus é o verdadeiro Deus (os ídolos nada são); e a ênfase primordial do segundo trecho é que há somente um Deus e somente um mediador entre Deus e os seres humanos.<sup>47</sup>

As Escrituras confirmam, assim, que não existem três deuses, mas um somente. Conforme já exposto, há três pessoas que desempenham diferentes funções. Pode-se inferir, desta forma, que estas pessoas possuem mesma natureza e são Deus igualmente, sem distinção em sua essência. Erickson colabora, ao escrever:

A trindade e a unicidade de Deus não são de mesmo aspecto. Embora a interpretação ortodoxa da Trindade pareça contraditória (Deus é um e, mesmo assim, três), a contradição não é real, apenas aparente. A contradição existe se algo é A e não A ao mesmo tempo e no mesmo aspecto. Diferentemente do modalismo, a ortodoxia insiste em que Deus é três pessoas em todos os momentos do tempo. Sustentando também a sua unicidade, a ortodoxia lida com o problema ao sugerir que a maneira de Deus ser três é, em algum aspecto, diferente da maneira de ele ser um.<sup>48</sup>

Assim, pode-se compreender que as acusações que a tradição sofre do unicismo são equivocadas. Como foi exposto no capítulo anterior, é inegável a existência das três pessoas. A partir disso surge a acusação da existência do triteísmo. Porém, as Escrituras ensinam que Deus é unidade. Diante disso, historicamente, foi utilizada a palavra *homoousion*, que significa mesma substância, para descrever a divindade plena dos três, enquanto são um. Pedro Pamplona escreve a esse respeito: “Deus é um em substância. Pai, Filho e Espírito Santo são um único Deus porque todos possuem a mesma substância divina. Eles são *homoousion*”.<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1644.

<sup>46</sup>*Ibid.*, p. 1704.

<sup>47</sup>ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 319.

<sup>48</sup>*Ibid.*, p. 333.

<sup>49</sup>PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023. p. 35.

#### 4.4 Os Três e sua relação

É inegável que existe, entre as três pessoas da Trindade, um relacionamento. Diante disso, uma das questões mais intrigantes é a relação entre o Pai e o Filho, bem como sua relação com o Espírito.

O Filho se submete ao Pai. Submissão, para muitos, implica em inferioridade. Esta conclusão foi equivocadamente utilizada por alguns no decorrer da história, tendo ainda representantes nos dias atuais. Porém, como já foi colocado, não há diferença na essência entre Pai, Filho e Espírito. Surge então o desafio de explicar como se dá esta relação em que o Filho faz a vontade do Pai sem que isso implique em diferença entre suas naturezas. São diversos os textos bíblicos que servem para essa análise. Sobre isso, Letham escreve:

Jesus se refere à sua relação com o Pai ao longo de todo o Evangelho de João e também nos Sinóticos. Ainda bem novo, Jesus fala do Templo, onde Yahweh se reúne com seu povo, como “casa de meu Pai” (Lc 2.49). Já no batismo de Jesus, o Pai declara que ele é seu Filho. A voz dos céus diz: “Este é meu filho amado, de quem me agrado” (Mt 3.17), uma combinação de Salmos 2.7 e Isaías 42.1. Ali, Deus Pai colocou seu selo sobre ele (Jo 5.27). Quando Jesus expulsa os vendilhões do Templo, chama-o de “casa de meu Pai” (Jo 2.16). Adorar a Deus é adorar o Pai, diz ele à mulher samaritana (4.21-24).<sup>50</sup>

Junto a isso, Jesus também é descrito como o próprio Deus. No decorrer do capítulo 5 de João, ele se coloca tanto para fazer a vontade do Pai, quanto sendo o próprio Deus. O versículo que deixa mais evidente esta verdade está em Jo 10.30, que diz: “Eu e o Pai somos um”.<sup>51</sup> Aqui, Jesus tira qualquer dúvida que poderia existir quanto à unidade dele com o Pai. Pode-se inferir que, se eles são um, logo, não há diferença em suas essências.

Não se deve concluir, assim, que ambos não são pessoas distintas. A distinção e ação dos dois é clara nas Escrituras, como já abordado neste trabalho. A afirmação de Cristo de que eles são um corrobora a ideia de que formam um só Deus em diferentes pessoas, o que exclui a possibilidade de haver mais de um Deus. Werner de Boor diz:

---

<sup>50</sup>LETHAM, Robert .A **Trindade**: na escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022. p. 67.

<sup>51</sup>BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. p. 1542.

Queremos levar em conta que Jesus não assevera: “Eu e o Pai somos um”. O Pai e o Filho não coincidem numa só pessoa. Permanecem duas pessoas que, porém, estão “unidas” em comunhão perfeita. Jesus já havia descrito essa “unidade” nas afirmações de Jo 5.19ss. É a unidade de perfeito amor, mas obviamente de forma que o Pai seja o que eleva, dirige e concede, e o Filho permaneça o que voluntariamente aceita, obedece e executa.<sup>52</sup>

Entender o ato voluntário de Cristo é esclarecedor. Somente assim não se cairá no erro de insistir que há hierarquia imposta onde não existe. Se ambos são um, é porque partilham dos mesmos desejos. Ocorre que ambos desempenham seus papéis plenamente, o que gera a perfeita harmonia no cumprimento da vontade de Deus. Dessa forma, Jesus se relaciona com Pai em perfeita consonância.

Há, também, outra questão que envolve esta relação entre o Pai e o Filho. Trata-se do fato de Cristo ser descrito como unigênito. O significado deste termo tem levantado diferentes conclusões sobre a existência de Jesus. Além da presença deste termo em Jo 1.18, ele é encontrado também em Jo 3.16, 1Jo 4.9; Jo 3.18 e Jo 1.14.

Muitas traduções não utilizam o termo “unigênito”, mas “Filho único”. O termo unigênito traz o sentido de “gerar” e parece ser o mais adequado quando se observa o termo grego original.<sup>53</sup> Surge, a partir disso, a discussão de como se deve compreender o fato de o Filho ser gerado, já que na concepção humana, aquilo que foi gerado é porque foi criado em algum momento, o que seria um problema na aceitação da eternidade de Cristo, que é atestada pelas Escrituras, como em Jo 1.1. Sobre este versículo, o Comentário Bíblico Vida Nova diz: “Embora o verbo utilizado esteja no passado, a ideia é a de continuidade. O Verbo que agora é já existia antes de o mundo existir.”<sup>54</sup> As Escrituras mostram que o Filho é, então, gerado eternamente. Sobre esta afirmação, Wayne Grudem escreve:

O que significa, então, a geração eterna do Filho? Significa que em certo sentido o Filho é “do” Pai. Mas, além disso, é mais fácil definir o que ela não significa do que explicar claramente o que significa. A geração eterna não é algo que alguma vez teve início, mas é eterna. Não significa que o Filho foi criado pelo Pai. E não significa que o Pai tem algum dos atributos de Deus em uma medida maior do que o Filho.<sup>55</sup>

A geração eterna não é uma referência ao Filho ter sido criado em algum momento. Trata-se da relação que há entre o Pai e o Filho. Nesse relacionamento existe

---

<sup>52</sup>BOOR, Werner de. **Evangelho de João I: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002. p. 258.

<sup>53</sup>GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Completa e atual**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2022. p.. 347.

<sup>54</sup>CARSON, D. A. et. al. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1542.

<sup>55</sup>GRUDEM, Wayne. *op. cit.*, p. 350.

uma comunicação eterna de essência divina, que pode ser observado em Jo 5.26 e em Hebreus 1.3. Quanto ao Espírito, considera-se que ele é gerado eternamente tanto do Pai quanto do Filho. Dessa forma, vê-se a Trindade em interação, em plena consonância.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se que a Trindade é uma das doutrinas basilares para a fé cristã, pois é bíblica e está presente na igreja desde o seu início. Após o panorama histórico, ficou claro que foram muitas as divergências interpretativas. A que foi destacada neste trabalho, o unicismo, apresenta uma visão que se nega a aceitar a realidade tríade bíblica e, por isso, apresenta outra interpretação, ao afirmar que Deus não pode ser três pessoas em unidade, mas ele seria um dos três em diferentes momentos ou funções, tendo hoje sua plena representação restrita à pessoa de Cristo. Ficou claro que este movimento não considera a realidade tríade ortodoxa.

No tópico “A Trindade: uma ortodoxia”, foi explicada, biblicamente, a realidade das três pessoas da Trindade reveladas nas Sagradas Escrituras. Ficou evidente a existência das três pessoas, não como como diferentes manifestações, mas de fato três pessoas distintas. Em seguida, vê-se que essa existência não ocorre em tempos distintos, tampouco na mudança de uma pessoa para a outra, mas é inegável que elas coexistem eternamente, suas atuações estão presentes na eternidade e assim será para sempre. A unidade de Deus foi destacada de maneira inequívoca através da Bíblia. Deus é um só.

Dos capítulos e tópicos desenvolvidos, concluiu-se que Deus é um em três pessoas, que têm a mesma substância, coexistem eternamente e realizam seus papéis em plena comunhão e unidade. Fica claro, portanto, que o unicismo não representa a correta interpretação das Escrituras. Essa forma de pensar sequer é parcialmente correta, pois incorre em erros heréticos, ao distorcer profundamente a pessoa de Deus.

Este trabalho contribuiu para o campo de estudo da teologia sistemática, em uma de suas principais e mais robustas doutrinas. A fim de corroborar o correto entendimento bíblico, demonstrou, através de fatos, a doutrina da Trindade, tendo sua utilidade em evitar que se cometam erros nesta área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Patrística: A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALISSON, Gregg R. **Teologia Histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

ATANÁSIO, Santo. **Patrística: Contra os pagãos, A encarnação do Verbo, Apologia ao imperador Constâncio, Apologia de sua fuga, Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002.

BERNARD, David K. **ESSENCIAIS DA TEOLOGIA UNICISTA**.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo NAA**. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João I: Comentário Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, D. A. et. al. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Completa e atual**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2022.

Igreja Pentecostal Unida. **Quem somos**. 2021. Disponível em: <https://pentecostalunida.com.br/Pagina.aspx?Cod=1>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2019.

LETHAM, Robert. **A Trindade: na escritura, história, teologia e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SOARES, Esequias. **O Pentecostalismo brasileiro**: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William. **Dicionário Vine**: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.